

## Conclusão Geral

Tendo chegado ao fim desta pesquisa, se faz necessário, antes de expormos algumas conclusões, apresentar qual foi o itinerário que percorremos. Devemos dizer, em primeiro lugar, que o nosso objetivo foi o de investigar uma hipótese que pode ser formulada do seguinte modo: o cristianismo ou a fé cristã se constitui como negação do humano em detrimento da afirmação de Deus, tal como o ateísmo humanista anticristão assevera? Ou, expressa de modo contrário: o cristianismo contribui, contrariando a acusação do ateísmo humanista, para que os cristãos possam desenvolver suas potencialidades como ser humano? Tentamos defender a tese de que o cristianismo se apresenta como um potencial capaz de colaborar para que o cristão possa desenvolver a humanização.

Para investigar a nossa hipótese e para defender nossa tese, dividimos esta pesquisa em duas partes. Na primeira, intitulada “A concepção de religião segundo o ateísmo humanista anticristão e suas críticas ao cristianismo”, apresentamos, como o próprio título da referida parte indica, a visão crítica que os grandes expoentes do ateísmo tiveram a respeito da religião, especialmente do cristianismo. Dividimos essa parte em três capítulos. No primeiro, vimos que o ateísmo sistematizado contra a religião surge da oposição cerrada entre o cristianismo e a modernidade, e vimos, também, com a exposição do pensamento de Feuerbach, que, para este, a religião aliena o ser humano de sua existência e da sua capacidade de reconhecer os valores do conjunto da humanidade. No segundo capítulo, analisamos as críticas feitas à religião pelos “mestres da suspeita” (Marx, Nietzsche e Freud). Constatamos que cada um deles apresenta uma visão muito negativa do cristianismo. Marx o acusa de ser alienação e ideologia. Nietzsche o condena por vê-lo como o responsável de perpetuar na civilização ocidental a metafísica platônica. Freud o considera como neurose e ilusão. No terceiro capítulo, expusemos a visão crítica do ateísmo contemporâneo às religiões. Demos destaque a três autores: Saramago, Onfray e Dawkins. Vimos que, para Saramago, o cristianismo é uma “maldição” presente na história, porque ele valoriza tudo aquilo que se opõe à vida. Já ao estudar a visão de Onfray a respeito da religião, notamos que, para ele, esta é “pulsão de morte”, ou seja, forças destruidoras do ser humano orientadas contra ele mesmo. E vimos, ainda, que,

para Dawkins, a religião, por causa de seu fundamentalismo e oposição à ciência, impede o progresso do ser humano. Vimos, portanto, que o ateísmo humanista acusa o cristianismo de se opor à afirmação do humano e de obstaculizar a sua realização enquanto tal.

Na segunda parte, intitulada “O cristianismo como afirmação e desenvolvimento integral do humano”, intentamos mostrar que o cristianismo, pelo menos em seu fundamento ou núcleo originário, é humanizador. Para isso, recorremos à reflexão teológica de três autores, a saber: Andrés Torres Queiruga, Jon Sobrino e Carlos Domínguez Morano. Com o primeiro, no capítulo quatro, procuramos deixar claro que o Deus, professado pela fé cristã, é visto somente como positividade para o homem, inclusive quando se procura responder sobre a realidade do mal e do sofrimento que afetam o ser humano. Com o segundo, no capítulo cinco, demonstramos que Jesus de Nazaré, por causa de sua missão de anunciar o Reino de Deus, se apresentou como agente de uma práxis transformadora das relações sociais. E, com Morano, no capítulo seis, mostramos que a experiência do Deus de Jesus colabora para que o cristão possa alçar a sua maioria psicológica. Portanto, com cada um desses autores, tentamos expor duas coisas. A primeira é que o Deus da fé cristã não pode ser visto, em hipótese alguma, como negação do humano, mas somente como sua afirmação. E a segunda é que Jesus de Nazaré se revela, em sua experiência de fé, como o ser humano completo ou humanizado, pois ele se mostra maduro em sua estrutura psicológica e completamente comprometido com a vida, com a história e com a transformação das relações sociais com a intenção de realizar o Reino.

No último capítulo tentamos estabelecer um diálogo do cristianismo com o ateísmo. Procuramos desenvolver três coisas, a saber: uma avaliação crítica do pensamento ateu a respeito da religião; o destaque de algumas interpelações do ateísmo ao cristianismo; e, por fim, a fundamentação do cristianismo como afirmação do ser humano e como humanização.

Ao fazer a avaliação crítica do ateísmo, constatamos que suas críticas ao cristianismo são, parcialmente, descabidas, pois se apresentam postulatórias, equivocadas, generalizantes, preconceituosas e como extrapolações. Já ao acolher algumas interpelações do ateísmo à fé cristã, pudemos ver que o cristianismo pode, de fato, apresentar-se, em suas múltiplas expressões, como desumanizador, pois ele pode fazer com que os cristãos neguem algumas dimensões de sua

existência em função de outras, bem como pode levá-los a assumir a alienação do compromisso transformador da sociedade e a perpetuação do infantilismo. Neste caso, as críticas dos ateus têm, de certo modo, pertinência. Já ao tentarmos fundamentar o cristianismo, a partir da reflexão teológica de Torres Queiruga, Sobrino e Morano, como afirmação do humano e como humanização dos cristãos, vimos que, de fato, o núcleo da fé cristã é humanizante, porque nele encontramos Jesus de Nazaré e sua relação profunda e respeitosa com Deus, com as demais pessoas e com o mundo da natureza.

Deste modo, todo o trajeto que percorremos, ao longo da pesquisa, nos ajudou a ver que o cristianismo é uma realidade ambígua, visto que pode se apresentar, em suas múltiplas expressões, como algo negativo para a constituição psicológica do ser humano e para o seu amadurecimento. Mas, também, pudemos notar que ele é, em seu núcleo originário, ou seja, na revelação de Deus *em e por* Jesus de Nazaré, algo positivo para a afirmação do humano e para o seu amadurecimento.

Sendo assim, aquela pergunta formulada como nossa hipótese principal encontra uma resposta ambígua, pois o ateísmo, em sua crítica ao cristianismo, tem certa razão. Tem razão, porque o cristianismo ao ser infiel ao seu núcleo originário, isto é, a revelação de Deus *em e por* Jesus de Nazaré, pode se constituir prejudicial ao desenvolvimento de uma personalidade madura. Mas, o ateísmo não tem razão, quanto ao fundamento do cristianismo, pois, este se apresenta como potencial humanizador dos cristãos.

Ora, a tese que procuramos defender foi a de que o cristianismo, ao contrário do que afirma o ateísmo humanista, é humanizante para os cristãos. E, assim, chegamos à conclusão de que a fé cristã é humanizadora por causa da revelação *em e por* Jesus de Nazaré. Em Jesus, Deus se revela em união profunda com o humano e o humano se apresenta orientado, completamente, para Deus. Nessa relação acontece uma integração do humano e do divino. Não há oposição entre eles. Desta maneira, o fundamento do cristianismo é afirmação do humano por Deus e afirmação de Deus pelo humano. Ademais, Jesus revela-se como o ser humano maduro e humanizado, pois assume uma existência autêntica de valorização e integração das várias dimensões do ser humano, numa abertura, livre, para o estabelecimento de relações dialógicas com Deus, com os outros homens e com o mundo da natureza. Ora, em Jesus, portanto, o cristianismo

encontra a possibilidade de se configurar como afirmação e desenvolvimento do humano.

O cristianismo, fiel ao seu fundamento, pode colaborar para que os cristãos sejam pessoas maduras desde que os ajudem a vivenciar em suas vidas o caminho percorrido por Jesus, a saber: viver pautado, livre e responsabilmente, pela confiança e obediência ao Deus *Abbá*, no compromisso solidário com os outros e com o mundo da natureza. Daí que o cristianismo se encontra diante de um desafio constante: manter-se fiel a Jesus para não se tornar desumanizante. Por isso, ele precisa sempre estar se recriando a partir de sua identidade fundamental.

Quando o cristianismo possibilita aos cristãos a experiência de encontro com Jesus e com o seu *Abbá*, ele se apresenta como um caminho de humanização maior que qualquer outra proposta humanista. Daí que é possível estabelecer um diálogo fecundo com o ateísmo. Este pode colaborar para purificar o cristianismo de suas deformações e infidelidades a seu núcleo originário. E o cristianismo, por sua vez, pode colaborar com o ateísmo, se este se abrir ao diálogo, enriquecendo o seu humanismo que se apresenta reducionista. Na verdade, ateísmo e cristianismo não se contradizem, mas se complementam, pois ambos procuram defender o valor e a dignidade do ser humano e se empenham pelo seu amadurecimento e realização. Sendo assim, o estabelecimento fecundo de um diálogo respeitoso entre cristianismo e ateísmo, certamente, seria muito valioso para propor caminhos de humanização ao homem ocidental. Dessa maneira, o desafio está lançado e a tarefa apenas começando.